

Os fios da talagarça

Regina Igel - Universidade de Maryland, College Park (EUA)

Resumo:

Os fios, no título deste trabalho de pesquisa, constituem um recurso metafórico para ilustrar as variações da criatividade literária judaica brasileira. A talagarça, também contida no título e no corpo deste ensaio, refere-se à tela judaico-brasileira por onde se cruzam fios da mais variada amplitude e coloração (gênero, temas e estilos). Autores judeus renomados e desconhecidos se espalham pelo território brasileiro - nossa tela onde se bordam as mais variadas tendências, origens étnicas, nacionalidades e espiritualidades - e este trabalho é um exame das contribuições, nem sempre justamente avaliadas, desses escritores, no passado e no presente.

Palavras-chave: períodos literatura judaica Brasil; ícones; momento atual.

Os fios, no título deste trabalho de pesquisa, constituem um recurso metafórico para ilustrar as variações da criatividade literária judaica brasileira. A talagarça, também contida no título e no corpo deste ensaio, refere-se à tela judaico-brasileira por onde se cruzam fios da mais variada amplitude e coloração (gênero, temas e estilos). Autores judeus renomados e desconhecidos se espalham pelo território brasileiro - nossa tela onde se bordam as mais variadas tendências, origens étnicas, nacionalidades e espiritualidades - e este trabalho é um exame das contribuições, nem sempre justamente avaliadas, desses escritores, no passado e no presente.

No passado, quando o país era uma colônia portuguesa, a contribuição judaica ao mundo literário foi, nas aparências, nula ou desconhecida. Ainda utilizando recursos metafóricos, pode-se visualizar aquele passado literário judaico como sendo feito nessa modalidade de bordado que se conhece como ‘ponto-sombra’. Para os não iniciados em bordados, sejam reais ou simbólicos, o ponto sombra mostra-se como uma delicada urdidura geralmente feita na parte de trás de um tecido. Assim, ‘sombreia’ a superfície do pano, resultando numa amostragem elusiva dos pontos do bordado, que permanece por baixo da tela. Neste estilo foram os efeitos da contribuição dos judeus durante o período colonial. Trabalhavam sob a superfície, proibidos de mostrarem seu talento literário como cidadãos, usando subterfúgios literalmente ‘por baixo do pano’. Neste quadro inserem-se, como já sabido, Ambrósio Fernandes Brandão (1560-1630), fazendeiro, coletor de impostos e talvez médico, mas principalmente o muito possível autor dos agora famosos *Diálogos das Grandezas do Brasil*; o poeta português Bento Teixeira (1560-1618), seu contemporâneo, que deixou uma obra um tanto insípida, segundo críticos abalizados, mas importante por seu pioneirismo nas letras da colônia; o dramaturgo Antonio José da Silva, o Judeu (1705-1739), que percorreu seu espaço de vida no século 18 perseguido pela iniquidade dos católicos no poder temporal da Igreja e do Estado. Esses três camafeus das nossas letras retrataram um panorama social coetâneo à época vivida por cada um deles, com obras forradas de bom humor, ironia, sarcasmo e também otimismo. Esses foram trabalhos, utilizando a nomenclatura simbólica, realizados em ponto sombra: seus autores bordavam por baixo do tecido social, deixando entrever, a observadores perspicazes que, trabalhando à sombra do poder religioso e das manobras políticas, não deixavam de ser judeus abafados e atemorizados, mas também sutilmente temerários. No entanto, na superfície, todos os ‘bordados’ aparecem em ponto cruz... ¹

¹ Esses autores são amplamente conhecidos, e alguns deles têm suas obras examinadas em diversos graus de ambientes escolares no Brasil. As controvérsias a respeito da judeidade presente ou dissimulada nelas constituem assunto de interesse específico e não fazem parte das intenções do presente artigo ecoar as discussões a respeito.

Já no período nacional, passado o terror colonialista, de outros fardos saem novas telas. A liberação do poder lusitano foi alastrando a confiabilidade num governo menos inclinado a perseguir judeus. Daí que, pouco a pouco, no decorrer de séculos, pontos esparsos se delineiam pela superfície das letras. No entanto, para que os judeus começassem a aparecer como escritores com sua identidade judaica, passou-se quase século e meio depois da independência.

Qual terá sido a agulha que penetrou pela primeira vez na talagarça literária brasileira? Aque-la que terá iniciado o fio condutor na densidade beletrista do país? Aparentemente o primeiro romance em português, com tema originado na comunidade judaica brasileira, foi *Numa Clara Manhã de Abril*, de Marcos Iolovitch (1907-1984). O autor, nascido na Rússia e trazido ao Brasil ainda criança, por sua família, inclui traços biográficos na sua narrativa, publicada em 1940, que não obteve, segundo pesquisas em jornais da época, quase nenhuma repercussão. Praticamente passaram em branco, tanto a história quanto o autor. Paradoxalmente, hoje seu nome identifica uma rua no bairro Navegantes, na mesma Porto Alegre onde se localiza o cenário físico do romance. Como escritor, Marcos Iolovitch permaneceu quase incógnito, tendo se dedicado ao Direito, como juiz municipal antes de se estabelecer como advogado em Porto Alegre, onde morou com a família que constituiu. Este romance foi precedido por *Eu e Tu*, coleção de prosa-poética (1932) e, em 1949, publicou sua derradeira obra, a coleção de poemas *Preces Profanas*, que não teve melhor repercussão do que seus livros anteriores.²

A narrativa semificcional estabelece uma baliza inaugural na urdidura literária judaica. Alguns de seus movimentos serão intuitivamente repetidos pelos escritores ainda por surgir e esses rumos são, basicamente, dois: descrição da vida judaica na Europa e exposição do encontro e processo de aculturação no Brasil pelos expatriados judeus. Pode-se dizer que houve uma extensa fase em que a literatura produzida por judeus no Brasil se baseou na memória individual, como esta em plano de destaque. Narrativas que emergiram neste padrão não só revelam um passado histórico ainda recente, mas também são passíveis de cauterizar, tanto nos autores quanto nos leitores, lesões psicológicas e outras, provocadas pelo deslocamento geográfico dos personagens. A este tipo de obras memorialistas pertencem narrativas tais como *Filipson*, de Frida Alexandr (1967), *Memórias de Phillipson*, de Guilherme Soibelman (1984), *Judeus de Bombachas e Chimarrão*, de Jacques Schweidson (1985), *O colono judeu-açu – Romance da Colônia Quatro Irmãos – Rio Grande do Sul*, de Adão Voloch (1984) e *A Promessa Cumprida – Histórias Vividas e Ouvidas de Colonos Judeus no Rio Grande do Sul*, de Martha Pargendler Faermann (1990). Não é coincidência que esses artefatos literários, por assim dizer, sejam originários do mesmo estado onde viveu Marcos Iolovitch. Foi no Rio Grande do Sul que as ondas imigratórias agendadas e organizadas se estabeleceram, principalmente nas fazendas subsidiadas pelo Barão Maurício von Hirsch (1831-1896). Desse período predominam as memórias das áreas rurais, pois a vivência nesses rincões marcou profundamente os autores citados. Sua produção foi simples e isenta de ambições, limitando-se à pura boa vontade de contar e recontar acontecimentos, traumas familiares, sucessos pessoais e coletivos, incidentes generalizados. Suas obras – algumas sendo re-editadas – não assegurariam, aos autores, mais do que um reconhecimento limitado ou quase inexistente ao tempo da sua publicação. Apesar disto, alguns entre eles podem ser identificados como precursores da atual literatura brasileira judaica.

A talagarça se expandiu. Ondas imigratórias se repetiram depois de 1945, aumentando o número de imigrantes judeus pelas cidades brasileiras. A roca literária sobre o período imigratório passa a girar em meio a memórias da convivência em áreas urbanas. Nessas, os judeus viviam sua rotina diária lado a lado com outros imigrantes, principalmente italianos e os providos do Oriente Médio, como os sírio-libaneses. As interações com esses e demais fazem-se naturalmente na agita-

² Iolovitch, Marcos. *Numa Clara Manhã de Abril*. Prefácio de Moacyr Scliar. 2ª ed. revista. Porto Alegre: Editora Movimento, Instituto Cultural Judaico, 1987. (Primeira edição: Porto Alegre: Editora Globo, 1940.)

ção em busca de sustento, disputando os mesmos fregueses nas suas andanças por ruas e bairros. Passado esse longo e trabalhoso período, que atingiu as grandes cidades de então, os fios da memória transformaram-se em palavras. Deles surgiram obras como *No Exílio*, de Elisa Lispector, do Rio de Janeiro (1948), *Anatomia de um bairro: O Bexiga*, de Haim Grünspun, de São Paulo (1979), *Saga Judaica na Ilha do Desterro*, de Jacques Schweidson, de Florianópolis (1989), *Escalas no Tempo* (1986) e *Recordando a Praça Onze* (1988), de Samuel Malamud, do Rio de Janeiro, *No tempo das acácias* (1978), de Sara Riwka Erlich, de Recife. Essas obras mais se prestam a qualificar-se como documentos literários semificcionais do que como romances no sentido tradicional do termo, isto é, narrativa imbuída pela imaginação do escritor. Como documentos, fazem valer as vozes que testemunharam a perseverança judaica na interação com os brasileiros, a tênue miscigenação cultural que se urdia pelos bairros agora classificados como “étnicos” e a determinação de permanência definitiva no país. Este é o material que se vai entrelaçar aos romances, contos, poemas e peças teatrais que vão perfazer a fase seguinte da história literária do judaísmo no Brasil. A ficção será a base da nova perspectiva literária e será quando se farão as descobertas de diversos talentos artísticos no campo das letras. O período das lembranças escritas sobre a vida no campo e na cidade sofrerá um hiato, seguido de uma suspensão de publicações do gênero. Paralelamente, vai-se alinhavando uma nova temática judaica, esta projetada por autores com ambições literárias que envolvem exploração dos recursos estilísticos oferecidos pela língua portuguesa.

Dentro desta perspectiva, estuda-se o quesito ‘judeu’ como base da investigação crítica em muitos estudos referentes aos proponentes desta espontânea revolução literária entre os judeus no Brasil: Clarice Lispector, Samuel Rawet e Moacyr Scliar – ainda que suas obras sejam divergentes quanto ao seu conteúdo judaico. Clarice Lispector (1920-1977), nascida na Ucrânia e trazida ao Brasil pelos pais ainda como bebê, abdicou de sua ascendência e criação em lar judeu na sua exposição ficcional. No entanto, parte da crítica clariceana se tem dedicado a identificar os elementos judaicos na sua formação que terão influenciado certos aspectos da sua ficção. De outro lado, Samuel Rawet (1929-1984), que tinha 7 anos quando imigrou para o Brasil com a família, inseriu sua experiência judaica em dois planos: no primeiro, representado por seu livro de estréia (*Contos do Imigrante*, 1972), inclinou-se a histórias a respeito das vicissitudes dos imigrantes judeus; no segundo plano faz notar uma radical aversão a judeus, que vai utilizar como mensagens em suas colunas jornalísticas, além de mesclar estereótipos irmanados ao anti-semitismo na sua ensaística e contística.

O terceiro componente do trio é Moacyr Scliar (1937), nascido no Brasil e criado entre pais, parentes e vizinhos imigrantes, em Porto Alegre desde tenra idade. Sua obra ficcional é a que mais se harmoniza com esta convivência, daí emergindo, sem fricções com o meio ambiente, sua identidade como escritor brasileiro e judeu, expressa em romances, contos e crônicas, algumas de cunho autobiográfico ou jornalístico.

Esta nova ficção, inaugurada pelos três escritores que se tornaram ícones de ordem universal, se desfaz dos fios da memória e cria sua própria tessitura, ainda que tais elos memorialistas cruzem por algumas de suas obras. Mas não são eles a matéria que os sustenta, embora ainda seja o material – a memória – que os revele, como nas primeiras obras de Samuel Rawet e, até uma certa extensão, nos romances e contos de Moacyr Scliar. Este escritor, por mais de uma vez, revelou que a fonte da maior parte de suas narrativas se encontra nas histórias e historietas ouvidas desde criança, entre imigrantes parentes e vizinhos.

Em que pese os fatos de Clarice Lispector não se apresentar como judia na sua obra ficcional e Samuel Rawet ter decidido imbuir-se no papel de severo crítico da sua sociedade, suas obras constam como trabalhos de reconhecido valor literário em termos universais. Entre os três, talvez seja Scliar quem mais se aproxima do grande público através de seus escritos, estabelecendo uma aproximação, pode-se dizer até aconchegante, para o seu judaísmo num meio-ambiente tão diversificado

como é o Brasil. As obras desses escritores aparentemente se estabeleceram como padrão literário, resultando em estímulo para o incremento da contribuição judaica às letras no país.

Esta nova literatura evolve daquela aglutinada pela memória coletiva e pessoal para uma criatividade individual, no sentido de que os autores, escolarizados no Brasil, passam a revolver as possibilidades estéticas da língua portuguesa, além de explorar as possibilidades inerentes a uma produção literária sofisticada.

A meada se desenrola e surge uma nova geração literária, a que emerge entre o final dos anos 80s e o início deste século 21. Expõe uma variada coloração da atmosfera judaica, não restrita ao período imigratório, embora as sombras do mesmo nela se projetem também. Suas obras são atravessadas por personagens que desafiam problemas arraigados no processo de identidade judaica num país não-judeu. Ao mesmo tempo, cruzam-se por uma coreografia de sentimentos, paixões, desavenças e busca de soluções que não se afastam dos termos universais como a busca de soluções ou orientações filosóficas, sociais e psicológicas.

Esses novos elementos ficcionais no desenvolvimento de tramas se entrelaçam a preceitos de origens judaica-européia e judaica-brasileira, revelando autores com preocupações similares aos não-judeus, brasileiros ou não, em vista dos achamentos no mundo real e presente. Neste novo campo literário judaico emergem escritores como a gaúcha Cíntia Moscovitch, o paulistano Bernardo Ajzenberg e a mais recente revelação, a carioca Halina Grynberg. O quanto é importante a localização geográfica de cada um desses romancistas e contistas tem a ver com o ambiente que eles transportam para suas obras. Este resulta do imbricamento da tradição judaica com as atmosferas gaúcha, paulistana e carioca que desenvolveram nos seus romances.

Cíntia Moscovitch (1958, Porto Alegre) transporta a vivência gaúcha, com suas falas e hábitos sociais para o palco doméstico judaico, com seus conflitos, principalmente os derivados de choques e outros episódios naturais no desenvolvimento de uma família. Sua linguagem ilumina os textos por sua simplicidade, margeando o falar popular, integrando o português coloquial e doméstico em intercâmbios entre a narratividade e a área agilizada pelos personagens. A autora não se atém a descrever atitudes derivadas da ou inseridas na tradição judaica, mas sobre elas cria uma camada verbal – ou metalinguagem – pela qual faz correr um riso ora galhofeiro, ora reflexivo, pelas fraquezas e falhas dos seus personagens, pertencentes à comunidade judaica do Rio Grande do Sul.

Não é possível ignorar que a obra de Moscovitch tem, como uma de suas características, a comunicabilidade fluente, um dinamismo coerente com nossa percepção da rapidez do tempo, ações e pensamentos. O mais instigante nos seus contos e romances, porém, parece ser a inserção de valores universais. Seus personagens judeus não limitam suas atividades circunscritas a seus círculos sociais nem seus atributos lhes são impingidos por serem judeus. Muito além disto, eles se tornam símbolos das ansiedades frente aos obstáculos vigentes na sociedade moderna, urbana e sofisticada – embora não ao ponto de se liberarem totalmente dos tabus, dos conflitos pais-filhos e dos investimentos psicológicos de uma geração na outra, que a autora projeta em muitos dos seus enredos.

Bernardo Ajzenberg (1959, São Paulo) antes de ser escritor, foi e continua sendo jornalista, como Cíntia. Como a escritora gaúcha, voltou-se para a escrita ficcional, intercalando-a com suas atividades profissionais. Sua formação judaica, embora não predominante em sua obra, revela-se através de alusões e declarações óbvias e também pela postura de alguns de seus personagens, que especificamente citam passagens sobre ética judaica (*Goldstein & Camargo, 1994*). Pouco ou quase nada em seu mundo ficcional se atém ao passado imigratório de parentes, mas sim ao processo de descobertas e enfrentamento aos desafios, como efetuados pela geração nascida no Brasil e vivendo sua realidade, na fronteira entre dois séculos.

Sua obra ficcional, no que tange ao judaísmo, oferece resultados paradoxais sobre a passagem do tempo. De um lado, ao afastar-se do passado imigratório dos judeus expatriados, vai buscar, muito mais longe, nas fontes tradicionais e milenares, o esteio judaico perceptível em sua obra. Este

se transmite por uma pulsação ético-religiosa nos conflitos gerados pelas circunstâncias e por seus personagens, como transmitidos por Goldstein em *Goldstein & Camargo*, e Teodoro Meyer e Sílvia, no romance *Variações de Goldman* (1998).

A mais recente escritora no novo cenário literário judaico é Halina Grynberg, psicanalista que chegou ainda criança ao Brasil como sobrevivente do Holocausto, em companhia de seus pais. Sua obra, até agora a única publicada, *Mameloshn – Memória em carne viva* (2004), é um relato que aparenta se refazer à medida que é lido, como um corpo vivo que girasse e desse passos diversos num palco sombreado pelo passado e escassamente iluminado pelo presente. Pois as diferentes dimensões da narrativa se coadunam com os fiapos da memória da narradora, que inclui elementos autobiográficos na correlação de quadros e circunstâncias. O aspecto mórbido do título do romance – memória em carne viva – refere-se à intensa dor infligida pelas lembranças de sua vida em companhia de um pai omissor e de uma mãe com sérios problemas mentais. A menina cresceu num ambiente em que o Holocausto feria diariamente, ainda que já tivesse sido deixado para trás. Uma obra que ultrapassa relatos sobre a Segunda Guerra e seus efeitos numa simples família de três pessoas, pais e filha, revela-se um testemunho dolorido sobre as circunvoluções psicológicas e traumáticas dela resultantes.

Esta geração que recém desponta, aqui representada por Cíntia Moscovitch, Bernardo Ajzenberg e Halina Grynberg, se compõe de pessoas escolarizadas no Brasil, tendo atingido educação superior e graus profissionalizantes. Esta é a mais nova feição da literatura judaica-brasileira, mais próxima dos cânones literários vigentes. Escritores como os três acima citados procuram harmonizar suas narrativas com a melhor maneira de transmitir emblemas, símbolos e fatos, garimpando a língua portuguesa e seus efeitos sonoros, estéticos e metafóricos; também revolvem assuntos de índole intimista, psicológica e social; procuram um equilíbrio entre o olhar do judeu e sua aculturação brasileira e buscam a metamorfose ideal, por meios literários, da sua própria conjuntura como brasileiros judeus. É um processo único, pois é inerente à condição de que os autores sejam descendentes de imigrantes e que este fato seja um tesouro do qual não querem se distanciar, apesar dos esforços em trazer uma literatura nova e reformadora para os círculos judaicos e para o Brasil.

A talagarda literária, bordada em estágios diversos, em cores distintas e desenhos pessoais, tem também suas franjas, que seriam aqueles escritores que ainda não entraram na sua tessitura central. Permanecem pelas bainhas, com uma e outra obra, o mais das vezes publicada com seus próprios recursos. Esses vivem, geralmente, fora dos eixos urbanos onde certas facilidades de publicação e outros incentivos estejam mais à mão dos autores. Os ‘franjeados’ serão um dia reconhecidos? Dependerá de seus valores, da expansão da talagarda e da qualidade dos seus fios... É um tempo de espera, mas que poderá resultar numa tela enriquecida por novas tonalidades.

Por enquanto, pode-se contar com uma tela significativa a representar a história da literatura judaica no Brasil. Primeiro, é composta de escritores que modestamente se lançaram no mundo das publicações com lembranças dos primeiros tempos da imigração. Esse período cedeu lugar a que três ícones – Lispector, Rawet e Scliar - se lançassem para o reconhecimento nacional e internacional por seus valores literários. Finalmente, em processo de surgimento e expansão, a novíssima geração, relevando assuntos que, se originados em ambientes judaicos e aculturados, também se qualificam por possibilidades ‘canônicas’ por suas qualidades literárias reconhecidas pela crítica do país, a caminho de um reconhecimento universal.

Regina Igel

University of Maryland, College Park Campus

EUA